

INSTRUÇÕES PARA ARQUITETOS

POEMAS-CONVERSA



Instruções para arquitetos

poemas-conversa

Ana Elisa Ribeiro



*Para Adriane Garcia,
Mariana Ianelli e, claro,
Flávia de Queiroz,
todas poetas generosas
e de boa conversa.*



9	<i>Apresentação-resenha</i>
11	<i>Segredos</i>
13	<i>Quatro ventos</i>
15	<i>Gestação das morsas</i>
17	<i>Geração</i>
19	<i>Paredes adelianas</i>
21	<i>Varanda</i>
23	<i>Campo</i>
25	<i>Silêncio</i>
27	<i>Versão</i>
29	<i>Escritório</i>
31	<i>Ficha</i>
33	<i>Poeta</i>
35	<i>Pátio comum</i>
37	<i>Hotel</i>
39	<i>O que acharão</i>
41	<i>Outra versão</i>
43	<i>Vespertinos</i>
45	<i>O primeiro</i>
47	<i>Demolição</i>

49	<i>Poemapa testamental</i>
51	<i>Geografias planas</i>
53	<i>Cores</i>
55	<i>Espero?</i>
57	<i>Articulação complexa</i>
59	<i>Osso</i>
61	<i>Outra vida</i>
63	<i>Queixa</i>
65	<i>Segredos</i>
67	<i>Ponteiros</i>
69	<i>Aula de anatomia</i>
71	<i>As ideias</i>
73	<i>Transpiração</i>
75	<i>Dentro de um livro</i>
77	<i>Para usar depois</i>
79	<i>Quase testamento</i>
81	<i>Como devem estar</i>
83	<i>Ilha</i>
85	<i>Drummond visionário</i>
87	<i>Ciência</i>
89	<i>Calendário</i>
91	<i>Calendários 2</i>

Apresentação-resenha

Acho que escrevi este livro entre 2020 e 2024, sempre ou quase sempre depois que a poeta carioca – radicada há décadas em Minas Gerais – Flávia de Queiroz gentilmente compartilhava comigo seus poemas recém-escritos. Flávia é dona de versos elegantes, cirúrgicos, e estou longe de alcançar a altivez dela para minhas linhas poéticas. A cada poema chegado e lido, eu imaginava outros, em resposta, em forma de diálogo, poemas que não a deixei conhecer. Não eram mesmo respostas, à maneira de uma correspondência; eram apenas formulações de meu desejo de escrever depois de ler sobre aqueles quadros, aquelas paredes e mais alguma coisa que a voz lírica de Flávia sempre me entregava. Mal sabia ela que tecia, a intervalos, comigo, um tapete de poemas que envolvem ambientes, atmosferas, plantas baixas e alvenarias, entre muitas outras coisas deste mundo. Este livro foi sendo escrito. Terminou quando finalmente o enviei ao editor, que há anos me provocava a publicar poemas pela Moinhos, esta casa de sonhadores realizadores. Agora, sim, Flávia saberá das respostas que omiti e poderá, ao intercalar aos seus alguns de meus poemas, conversar comigo.

Ana Elisa Ribeiro



Segredos

Flávia me enviou um poema.
É dessas poetisas que ensaiam
uma escrita finissecular;
mulher elegante,
fala um português outro
e me presenteia com versos
que não mostrou a quase mais ninguém.

Posso dizer que
os poemas de Flávia são segredos.

Sempre pergunto a ela:
o que é do próximo livro?

Os segredos de Flávia
me causam a ansiedade
dos que escrevem
para fora; uma costureira
atarefada e competente.

Flávia talvez não se importe
com as escritas contidas
ou com segredos que
morrem o que são: segredos.

Leio os poemas de Flávia,
seus presentes,
e penso que deve haver
mais pessoas no mundo
que os mereçam, tanto quanto eu,
e que eles mesmos talvez
precisem vicejar e voar,
enquanto Flávia se ocupará
de urdir outros segredos.

Quatro ventos

Quando abri um e-mail de Flávia,
me envergonhei de que fosse
uma mensagem antiga, não respondida.

À mensagem sobrevivia, anexado, um poema,
um dos segredos que Flávia me envia.

A verdade é que eu os quero
espalhar e divulgar,
tal como fazemos a tudo o que pode
ir aos quatro ventos.

Li o poema de Flávia com atenção redobrada;
reli, talvez a tentar me redimir
de não tê-lo lido antes,
quando ela mo enviou.
(Flávia me faz querer escrever assim.)

Depois de ler e reler o poema,
como se fosse uma confissão
a uma amiga muito confiável,
imaginei as coisas que ela disse
com aquelas palavras que
exalavam, emanavam e
irradiavam, apesar do tom
segredoso de Flávia.

Respondi à mensagem de Flávia
com um pedido de desculpas
pela demora. E desisti de ameaçá-la
com minha paixão pelas palavras
que ela usa tão sem pretensão.

Gestação das morsas

Flávia, quando sairá
seu próximo livro?
Você tem os anteriores, Ana?
Não, não os tenho.

Flávia talvez queira enviar
pelos Correios esses livros
que ainda não li.

Mas quando sai o próximo livro, Flávia?

Ela não tem pressa.
É muito menos ansiosa do que eu
ou já aprendeu com a vida
que os poemas têm seus ciclos.

Flávia termina sua mensagem
dizendo que escreve devagar.
Não me pareceu uma reclamação.
Nem um sofrimento.

A poeta escreve devagar.
Junta seus poemas sem pressa.
Recolhe-os à medida que nascem,
de gestações vagarosas,
como a das orcas ou das morsas.

Às poetas boas e refinadas,
a pressa dá um pouco de vergonha.



Geração

O poema-segredo de Flávia,
em julho de 2021,
quando já perdêramos o hábito
de respirar fora de casa,
estava dedicado às paredes.

A poeta monumental
que se expressa em Flávia
enviou-me algumas dezenas
de versos com paredes
e quadros pendurados,
sem, no entanto, que eu
soubesse que imagens
esses quadros apresentavam.

Junto do poema, a mensagem
de Flávia dirigida a mim,
outra poeta, me explicava
que aqueles versos
queriam ser, sem revelar,
e queriam me dar espaço
para a imaginação.

Desse poema de Flávia
nasceu o poema de Ana.



Paredes adelianas

Suas paredes vazias
não estão vazias.

Suas paredes são de palavras.
E não há tijolos mais fortes
que elas e seu cimento sensível.
[Um dia um homem me disse
sobre a incrível invenção da argamassa AC III.]

Minhas paredes estão cheias de quadros.
Antes, no entanto, é preciso dizer
que minhas paredes são coloridas.

As paredes aqui são respostas a outras paredes,
porque sempre vivi sob tetos e
entre quatro paredes com cores inexpressivas;
cores de deserto, gelo e sono,
de areia e animais meméticos.

Suas paredes são claras
e você delas fala sem expor-lhes os quadros.
E quer que eu os imagine ou
que os meus quadros, que são muitos e sem valor,
se pendurem nessas suas paredes
quase imaginárias, essas que seu poema me dá.

As paredes aqui, Flávia, são coloridas:
verde seco, amarelo manhã e até listas.
Não pude viver em uma casa de paredes
bege, *off-white*, gelo quase inverno
por um ano inteiro, como se as estações
não passassem por ali.

As paredes aqui talvez se expressem
mais do que os quadros,
que vão sendo alegremente engolidos
pelas cores que se avolumam sobre eles
e suas moldurinhas frágeis.

Aqui, quando abrimos as janelas, Flávia,
a luz é raptada pelas paredes de cor
e as manhãs podem durar um dia inteiro.

Varanda

Aqui temos poucas visitas, poeta.
Nunca convidei você para vir ver
estas paredes amarelo frevo,
nem tomar café ou observar
a cadela idosa tomando sol
sob uma jabuticabeira, esta árvore
sem pressa de crescer,
mas cheia de frutos
rentes a todos os galhos.

Não temos recebido visitas, poeta,
porque de repente isso se tornou
um dos maiores perigos do mundo.

Mas, quando era fácil,
as visitas vinham.
traziam bolo de maçã com castanhas,
ainda na fôrma quente
e tomávamos café de máquina
bem ali, na sala onde as manhãs
tocam o anoitecer.

Até o amarelo cede
ao negror das noites,
que daqui parecem
pontilhadas de lantejoulas:
é só chegar na varanda e ver.